

**PROVA DE PROFICIÊNCIA DE LÍNGUA PORTUGUESA  
PARA PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO  
novembro de 2021**

*Esta prova terá a duração de 2 horas.*

*As dez questões devem ser respondidas em português.*

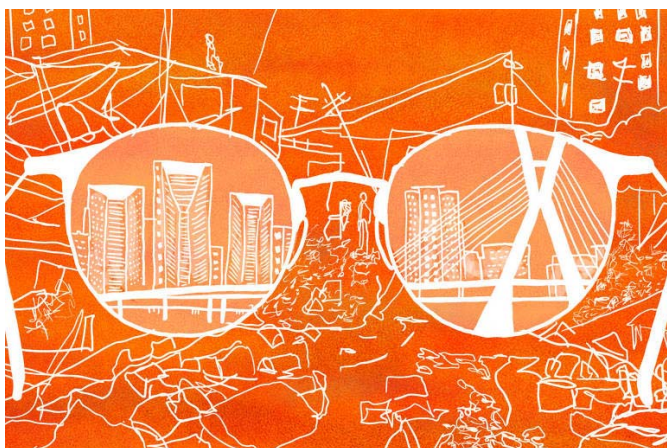
*Valor de cada questão: 1,0*

*Nota mínima para aprovação: 7,0*

*Conceitos: P=Proficiente NP=Não Proficiente*

**Instruções:**

- ✓ Leia o texto a seguir e responda às questões de 1 a 10, apresentadas em documento específico (*Forms*). As respostas devem ser formuladas **em português**, por meio de frases estruturalmente completas, na variedade linguística formal.
- ✓ Ao desenvolver suas respostas, não ultrapasse o limite de cinco/seis(?) linhas. **PENSO QUE TALVEZ SEJA IMPORTANTE ACRESCENTAR ESTA INSTRUÇÃO, PORQUE, NA AVALIAÇÃO DAS PROVAS DE PORTUGUÊS, PERCEBI CIRCULARIDADE (FALTA DE PROGRESSÃO) EM ALGUMAS RESPOSTAS (DESNECESSARIAMENTE, MUITO LONGAS). NÃO SEI SE É PERTINENTE...**
- ✓ **Não serão aceitas traduções automáticas (*Google Translator* etc) como respostas às perguntas sobre o texto.** Você deverá demonstrar capacidade de interpretação do texto e formulação de respostas de própria autoria às questões propostas.



**A preciosa relação entre amor e clima\***

**Jorge Abrahão\*\***

A agenda climática tem tudo a ver com afetos, na medida em que pressupõe a preocupação com as próximas gerações: entregar um mundo melhor do que o que recebemos. É uma visão que mira o longo prazo e não cabe na estreiteza de políticos apegados ao período de seus mandatos e em atender ao interesse privado de alguns grupos econômicos.

Mais do que nunca, precisamos da grande política, de visão de longo prazo, e a pandemia é prova disso. As lideranças atuais resistem em olhar para além de suas fronteiras físicas, quando o enfrentamento da crise climática — como a sanitária — exige soluções locais e globais integradas.

O IPCC (Painel Intergovernamental sobre Mudança do Clima), da ONU, divulgou, na semana passada, o sexto relatório do clima. No documento, acrescenta mais uma camada de preocupação em relação ao limite de emissões de gases de efeito

estufa e aciona alertas para a sociedade, empresas e governos: o tempo está passando, e as respostas estão aquém das necessidades para zerarmos as emissões até a metade do século.

Para tanto, são necessárias medidas que enfrentem determinados segmentos econômicos, mas a maioria dos países está amarrada a um modelo de desenvolvimento baseado nos combustíveis fósseis e resistem em promover uma transição energética na velocidade exigida pela ciência. Isso pressupõe uma coragem não habitual das lideranças políticas para enfrentar os interesses econômicos da indústria do petróleo, do agronegócio, da pecuária, do garimpo, dos madeireiros, entre outras. Mas, se não avançarmos nessa direção, chegaremos a um grau de desequilíbrio e de imprevisibilidade no planeta em que todos os negócios serão fortemente atingidos: um típico caso de miopia aguda, lamentavelmente ainda presente em boa parte das lideranças políticas e empresariais.

O risco é que a temperatura do planeta aumente mais do que 2°C, o que provocará um número cada vez maior de eventos extremos — secas, inundações, tufões, aumento do nível dos mares, mudança no regime de chuvas —, afetando a produção de alimentos, gerando crise hídrica e desequilibrando todo o sistema. Muitos desses problemas já estão ocorrendo, como uma amostra do que está por vir.

O mês de julho mais quente da história acaba de ocorrer. As impressionantes temperaturas de 49°C em Lytton, no Canadá, a mais alta de todos os tempos na região, e as enchentes na China, na Alemanha e na Bélgica são somente os mais recentes recordes, que teimam ser batidos a cada ano. A média anual é de 22,5 milhões de pessoas deslocadas por eventos climáticos desde 2008, e a ONU prevê que o número de deslocados pelo clima chegue a 200 milhões de pessoas em 2050. Esses fatos e projeções não deixam dúvidas quanto à gravidade do problema.

O Brasil não está cumprindo as metas com as quais se comprometeu voluntariamente no Acordo de Paris. O desmatamento é recorde e crescente nos últimos anos, na contramão das metas assumidas. Nesse contexto, as cidades têm um importante papel, sobretudo porque, no Brasil, 85% das pessoas vivem nas áreas urbanas. Tornar as cidades sustentáveis tem a ver com uma política urbana que gere habitação digna para todos; acesso universal à água e esgotamento sanitário; acesso à saúde e à educação pública de qualidade; modais de transportes de baixa emissão; e redução das desigualdades.

O ex-secretário-geral da ONU Ban Ki Moon disse, no lançamento da Agenda 2030, que será nas cidades que vamos perder ou ganhar a batalha do desenvolvimento sustentável. O relatório do IPCC diz que ainda dá tempo, mas é preciso lideranças com um forte grau de envolvimento com o tema e a criação de políticas públicas que apontem a transição para um modelo de desenvolvimento sustentável.

O caminho é mais analógico do que digital. É mais político do que tecnológico. São as tomadas de decisão política que podem solucionar os desafios na escala necessária. É tempo de decisões baseadas na ciência, de planejamento urbano, de políticas de renda básica e de acesso a direitos fundamentais. É tempo de qualidade de vida digna para todos, com redução de desigualdades. Clima e desigualdade são irmãos siameses, estão interligados, e as soluções devem ser integradas. Há recursos para isso; o problema é que estão mal distribuídos.

Contudo, talvez esteja no componente emocional o nó da questão: entregar para as futuras gerações um mundo melhor do que o que recebemos é uma visão generosa que pressupõe emoção e razão caminhando de mãos dadas. Sem isso, estaremos cada vez mais longe de alcançar as soluções para este que talvez seja nosso maior desafio.

\*Texto publicado no jornal Folha de São Paulo, em 18 ago. 2021. Disponível em: <<https://www1.folha.uol.com.br/colunas/jorge-abrahao/2021/08/a-preciosa-relacao-entre-amor-e-clima.shtml>>. Acesso em: 31 out. 2021. Adaptação.

\*\*Coordenador Geral do Instituto Cidades Sustentáveis, organização realizadora da Rede Nossa São Paulo e do Programa Cidades Sustentáveis.

---

1. Após a leitura do texto, apresente, em uma frase estruturalmente completa e com linguagem própria, a principal tese (ideia) defendida por Jorge Abrahão.
2. Esclareça, com suas palavras, que alerta é acionado a partir da divulgação do sexto relatório do clima pelo IPCC (Painel Intergovernamental sobre Mudança do Clima), da ONU. Por que a referência a esse documento é relevante na argumentação desenvolvida no texto?
3. Que argumentos do autor embasam sua afirmação de que os líderes governamentais possuem uma visão limitada no que se refere ao enfrentamento da crise climática?
4. Explique por que, para Abrahão, é preciosa a “relação entre amor e clima”, expressão usada no título do texto.
5. Esclareça a relação existente entre a imagem (texto não verbal) e a linguagem escrita (texto verbal).
6. Que ações, segundo o autor, são necessárias para que o conceito de cidades sustentáveis se torne realidade?
7. No quarto parágrafo, o autor emprega a expressão “nessa direção”, impondo-a como um caminho que deve ser seguido. Explique a que se refere essa expressão no texto.
8. Apresente, de forma resumida, os dados que evidenciam a gravidade da crise climática já existente, de acordo com o texto.
9. Conforme Jorge Abrahão, há uma interligação entre clima e desigualdade social. Como o autor sustenta essa posição?
10. Sintetize, em uma frase completa, as ideias apresentadas no quinto parágrafo do texto.